

## Apontamentos da Escola de Comunidade (EdC) com Julián Carrón em ligação vídeo a partir de Milão, 6 de maio de 2020

*Texto de referência: L. Giussani; S. Alberto; J. Prades, Deixar rasto na história do mundo, Paulus, Lisboa 2019, do ponto 5. Uma conceção nova da inteligência e da afeição (pp. 82-87) ao ponto 6. Uma moralidade nova (pp. 87-101).*

- *La guerra*

### *Glória*

Olá a todos! Nos jornais, este período de pandemia tem sido muitas vezes definido como “suspenso”. Mas os mais de quatrocentos e-mails que chegaram como contributos para esta Escola de Comunidade mostram que entre nós não foi exatamente um período suspenso, porque cada circunstância se tornou parte da aventura da vida. Há uma frase de *don* Giussani que me tem vindo à cabeça com frequência nestas últimas semanas: “A verdade da fé é demonstrada justamente pela capacidade [...] de valorizar como caminho de amadurecimento, as coisas que surgem como objeção, [...] ou dificuldade de qualquer tipo: [...] a verdade da fé é demonstrada pela capacidade [...] de tornar essa coisa instrumento e ocasião para amadurecer” (A longa marcha da maturidade, *Passos* n. 92, abril 2008, Página Um).

Como avaliar se esta circunstância, para cada um de nós, é uma ocasião de amadurecimento? Dizemos muitas vezes que sem um juízo não há experiência, apenas uma série de iniciativas que não fazem moza, quer dizer, não nos fazem crescer – a natureza própria da experiência, de facto, é a de fazer a pessoa crescer –. A irrupção da realidade, que assumiu a forma do Coronavírus, desencadeou em nós reações de todos os tipos. Diante deste desafio, pusemos como hipótese de trabalho para o enfrentar a conceção que *don* Giussani tem de religiosidade. Todos nos lembramos da frase do Capítulo X de *O Sentido Religioso*: “A fórmula do itinerário para o significado último da realidade – qual é? Viver o real. [...] A condição única para ser sempre e verdadeiramente religioso é viver sempre intensamente o real” (*O Sentido Religioso*, Verbo Editora, 2000, pp. 151). Ainda me lembro do espanto que experimentei a primeira vez em que me vi diante dessa conceção de religiosidade – para mim foi impactante: entrei no Seminário em pequeno, imaginem se não tinha realizado gestos religiosos, e aquela frase desafiava a minha conceção de religiosidade! –: não nos tornamos mais religiosos aumentando os gestos religiosos como se fossem separados da vida, mas vivendo intensamente o real! Por isso, o convite que fizemos, desde o início deste desafio, foi a uma comparação de cada um de nós com o carisma dado a *don* Giussani. Cada um pode ver o que verificou. Em muitas dos contributos que chegaram fala-se de uma proliferação de iniciativas online (WhatsApp, palavras, vídeos, reuniões via Zoom de todo o tipo), que de um modo ou de outro, nos atingiu. Cada um pode avaliar a sua eficácia em relação à essencialidade da proposta do carisma: “Viver intensamente o real”. Todas essas iniciativas foram uma ajuda para viver o real ou foram subterfúgios para evitar o real? Muitas vezes pode prevalecer uma justaposição de gestos “religiosos” vividos de modo formal com um racionalismo de fundo, uma espécie de dualismo: racionalistas no modo de enfrentar a realidade, com o acréscimo extrínseco de gestos “religiosos”. Com a sua irrupção imprevista na realidade, o Coronavírus mandou pelos ares este dualismo, desafiando-nos a todos. A situação atual permite-nos verificar o “conhecimento novo” de que fala o texto da Escola de Comunidade. Estamos todos diante da mesma provocação e cada um de nós percebeu em si uma postura, uma maneira de estar na realidade – no isolamento ou na “multidão” em casa, diante do teletrabalho ou dos filhos –, experimentar se e como se viu diante do conhecimento novo de que fala *don* Giussani: “Tornar-se uma ‘criatura nova’ significa ter uma consciência nova, uma capacidade de olhar e de inteligência da realidade”; e esta torna-se a “consciência normal com que se atravessa todo o complexo de circunstâncias do real” (p. 82-83).

Começamos o percurso desta noite. Como descobrimos, como surpreendemos em nós, na maneira com a qual enfrentamos uma circunstância que diz respeito a todos nós, o conhecimento novo?

*O primeiro ponto de que me estou a dar conta é que aquilo que sou, a verdadeira verdade sobre mim, coincide cada vez mais com a pertença a esta companhia que é o movimento, a forma particular de Igreja que veio ao meu encontro. Esta descoberta é uma certeza de que estou a tomar plenamente consciência nestes tempos, onde a luta com a minha pretensão de autonomia é mais radical e mais facilmente desmascarada. Conto-te um facto em que isto foi mais claro para mim. Eu estou a viver a minha quarentena em casa com a minha mãe, o meu pai e a minha irmã mais nova; a minha mãe é um leão numa jaula; o meu pai é mais equilibrado. Diante de quem me gerou tinha em mim uma esperança mais profunda, que já não posso desenraizar. Para mim foi evidente que aquela esperança, assim radicada em mim, não vem da minha “educação familiar” nem sequer de mim mesma. Em mim, com este carácter, com todos os meus limites, habita uma certeza pela qual diante de um futuro incerto, de uma realidade potencialmente mais difícil, estou certa de que habitará o mesmo bem. Apercebendo-me então que não tem origem em mim perguntei-me: «mas então de onde vem?». Foi no trabalho contínuo destes anos em que nos acompanhas a reconhecer Cristo na realidade, que se acumulou, camada por camada, como uma rocha sedimentar, uma certeza granítica. Esta é a primeira descoberta: cresceu e está a crescer em mim uma certeza maior do que eu, fruto da pertença contínua a esta companhia; isto é, a certeza de que a realidade é positiva porque é habitada por uma Presença que me ama. A segunda descoberta é também uma pergunta. Estudo medicina e neste período sinto-me pessoalmente provocada, sinto no coração o desejo profundo de dar tudo, impelida pelo facto de que Jesus deu tudo por nós e cumpriu o maior sacrifício. O sacrifício é um tema que me intriga porque muitas vezes percebo-o como renúncia e incomoda-me, não quero renunciar a nada [...] Os factos destes tempos fizeram com que me desse conta com mais clareza que estou mais contente quando sirvo. Nisto fazem-me companhia alguns factos que se passaram em casa, em que vejo que estou mais contente se me dou pela minha família, e no meu primeiro dia no Call center - criado na minha região para informações sobre o Coronavírus e que foi proposto aos estudantes de medicina - impressionou-me ver que no fim do turno estava contente e também os outros, desconhecidos, à minha volta. Não apenas eu, mas todos os homens, são feitos para servir. Deste desejo de dar tudo nasce a minha pergunta: intuo que o sacrifício tem que ver com o dar tudo, mas há uma última resistência em mim. Como se pode viver como Jesus, dócil e obediente ao Pai sacrificando-se a Si mesmo, sendo traído, dando a vida?*

A primeira coisa que me impressiona do que dizes é a surpresa de teres percebido em ti um modo diferente de estar no conjunto de circunstâncias da realidade de que fala a Escola de Comunidade, em casa e no *Call center*. Tocou-te tanto que te perguntaste, “Mas então, de onde vem?”. A primeira coisa que fizeste foi uma constatação: o “conhecimento novo” não foi fruto de um esforço teu, tu não precisaste de o gerar. Foi uma surpresa: uma pessoa descobre em si esta novidade, ao pertencer a uma companhia como a nossa sente-se gerado, e com esta consciência enfrenta a realidade. Como diz Giussani: é a “consciência normal com que se atravessa todo o complexo de circunstâncias do real”. Tu surpreendeste-te a enfrentar as circunstâncias de um modo diferente. E, ao mesmo tempo, o que é que te surpreendeu? Que era mais feliz quando servias. Então, porque é que te preocupas com o sacrifício, com a tua resistência a ele? Trata-se simplesmente de ir atrás daquele gosto de servir que começaste a saborear sem teres precisado de fazer nenhum esforço. Porquê? Porque ficaste mais contente, porque isso se revelou diante dos teus olhos como um “mais” de intensidade humana, de beleza humana, de tal modo que o reconheceste também nos outros. Por isso, seguindo o lugar que te foi dado por Cristo para te gerar, crescerá em ti a disponibilidade ao sacrifício e vais-te surpreender, como diz também o início do texto da Escola de Comunidade, com uma capacidade de adesão – como viste – e de dedicação à realidade da qual provavelmente antes não tinhas consciência. No decorrer do caminho, também virá o resto.

*No dia 3 de abril, em plena pandemia, nasceu a minha sexta filha.*

Parabéns!

*Obrigada. Este facto amplificou a provocação que já tinha surgido em mim nestas semanas. As visitas ao hospital, a incerteza, a dificuldade em organizar quem tomava conta das crianças, o medo do vírus, tudo isto estava presente e muitas vezes deixava-me ficar tomada por estas preocupações. Agora*

*estamos em casa e estamos bem, mas observar-me nestas semanas fez nascer muitas perguntas sobre a Escola de Comunidade. Quando o ponto 5 fala da nova criatura e do olhar que ela tem sobre as coisas, ainda me vejo muito imatura, muito "do mundo" comparando com o olhar que o ponto descreve. Ainda ajuízo, como diz o texto, de acordo com o "gosto, não gosto", "tenho simpatia, não tenho simpatia". Enquanto que o texto descreve assim o conhecimento novo: "Desço à raiz da aparência das coisas e chego ao ponto em que a coisa é um Outro que faz, é o Tu que a faz, Cristo", (p. 87). Mas este não é o meu critério de juízo. Especialmente nos dias em que tenho mais medo por mim e pelos meus filhos, revolto-me contra a ideia de que as coisas não estão sob o meu controle e tento reorganizar a vida para assumir o comando. Obviamente não consigo, mas não consigo pensar de outra maneira. Ao mesmo tempo, há tantos sinais de que algo novo aconteceu na minha vida, por exemplo, todos os médicos do hospital que ficam espantados por termos seis filhos, (mesmo não sendo eu uma dona de casa ideal), ou as enfermeiras que entram no quarto e me diziam: «É bom entrar aqui porque a senhora está sempre sorridente». Também eu me espanto com esta novidade e pergunto-me: «Como é que as duas coisas estão juntas, o facto da maior parte do tempo pensar e viver como todos, e ao mesmo tempo perceber que já existe uma novidade que toma a minha vida apesar da minha imaturidade?».*

A primeira coisa que quero dizer-te é a exaltação que sinto quando vejo que vocês se dão conta de alguma coisa, porque não é normal. Muitas vezes contamos as coisas e não nos damos conta delas, mas tu percebeste que o teu critério de juízo não é o sugerido pela Escola de Comunidade e isto, por si só, já é um passo de consciência. A segunda coisa é que tu comesças a dares-te conta de que, mesmo que ainda não seja o teu critério de juízo em todos os aspetos da vida, já há uma novidade que toma a tua vida apesar da sua imaturidade. Isso significa que estamos todos – tu e nós – em caminho. Porque há sempre um caminho a fazer, ao longo do qual começamos a ver que o rebento continua a florescer. Basta-nos isto, tal como tu te surpreendes com este florescimento, em ti, de uma novidade que te espanta. Mas isso só acontece se seguimos o método de Deus lembrado no texto da Escola de Comunidade: “Cristo [...] estabeleceu, como *vir pugnatur*, uma luta pela ‘invasão’ da nossa existência” (p. 73), começou esta batalha em nós para nos introduzir à experiência desta novidade e continuará a fazer-te florescer para o teu bem, dos teus filhos, do teu marido e de todos nós.

Como acontece o nascimento deste conhecimento de que falava a pessoa que fez a primeira intervenção e com o qual se surpreendeu a nossa amiga agora?

*Querida perceber o nexa entre acontecimento e memória. Em Gerar Rasto na história do mundo, sobre o qual estamos a trabalhar, Giussani fala muito de memória. No primeiro capítulo, dedica-lhe uma secção no ponto VIII: «“Memória”» indica a profundidade histórica do encontro, até alcançar a raiz da qual, ultimamente, nasce». (p. 47) Volta no segundo capítulo, falando do Batismo: «Também quem foi escolhido se pode afundar no oceano lamacento do mundo: cedendo ao esquecimento, não vivendo a memória, que é a consciência da presença de Cristo, evento real na vida do homem». (p. 77) Também no parágrafo que estamos a trabalhar, fala da memória: «Na memória, o acontecimento que experimento de acordo com toda a sua riqueza está imerso no fluxo do tempo e do espaço, faz parte de uma história». (p. 100) Pergunto-me, especialmente nestes dias de grande silêncio para mim e de mudança das atividades quotidianas, o que é que significa fazer memória, sem reduzi-la a uma ginástica mental à qual reservamos um momento de silêncio nos nossos dias. E sobretudo, como é que a memória não substitui a contemporaneidade de um Acontecimento, a comoção vivida por Pedro diante de uma Presença que o interpelava? Em resumo, qual é a relação entre memória e contemporaneidade?*

Como vimos, o “conhecimento novo” nasce a partir de um Acontecimento e isto é o início de uma memória com a qual enfrentar tudo. Na primeira intervenção isso emergiu muito bem, embora com outras palavras: pertencendo a um lugar como o Movimento, a nossa amiga foi facilitada a reconhecer Cristo, “acumulou-se, camada por camada, como uma rocha sedimentar, uma certeza granítica” que está a configurar a sua pessoa. Precisamente como a familiaridade com Jesus fazia com que Pedro fosse aos poucos sendo tecido por essa memória. Isso não impedia que às vezes errasse, que cometesse erros como todos, mas quando foi desafiado por Jesus: “Também quereis ir embora?”, o que emergiu nele foi

a memória de tudo o que tinha visto: “Senhor, a quem iremos? Só Tu tens palavras de vida eterna” (Jo 6,67-68). Como vocês veem, acontecimento e memória interagem constantemente, como diz o texto que citaste: “Na memória, o acontecimento que experimento de acordo com toda a sua riqueza está imerso no fluxo do tempo e do espaço, faz parte de uma história». (p.100); e eu vejo isso em mim ao enfrentar esta nova situação. Como dizíamos no início, começo a enfrentar o conjunto de circunstâncias dadas com a “consciência normal” que vai sendo gerada em nós. Por isso é mais difícil, se alguém se percebe assim a pertencer, reduzir a memória a uma “ginástica mental”; mas uma ginástica mental não é capaz de nos fazer estar diante dos desafios que estamos a viver. Mais do que explicações, é a provocação da realidade que nos faz verificar se a nossa memória é uma ginástica mental ou a consciência de um acontecimento presente.

*Há um mês que, tendo tido de suspender a minha atividade académica de bibliista, dedico o meu tempo como capelão num hospital, a dar assistência aos doentes com Covid-19. Neste tempo, a minha razão e a minha afeição são desafiadas por um problema de conhecimento: o que é a dor, o que é a morte? E, portanto, o que é a vida? Todos os dias tenho de olhar de frente estas perguntas diante dos doentes que sofrem e morrem. Nunca como agora percebi, dentro de um percurso que queria contar-te, o que quer dizer aquilo que diz a Escola de Comunidade: «A criatura nova tem uma mens nova [...] uma capacidade de conhecer o real diferente da dos outros» e também aquilo que aponta como origem desta consciência nova: a «adesão a um acontecimento» (p. 83). O hospital não dá para disfarçar, ninguém pode virar a cara para o outro lado, todos estamos diante do facto do sofrimento e da morte. Eis o problema de conhecimento que todos temos de enfrentar. Um olhar analítico sobre o real, em que me deixo levar continuamente, parece concluir que tudo acaba no nada, que não somos mais do que física e química e que a única lei da vida é a que segue este vírus: a lei da ciência; não há um desígnio bom, somos fruto do acaso – todos parecem olhar assim para o real, mesmo se não se exprimem com estas palavras –. Com esta conclusão, o resto não passa de poesia, mesmo aquilo a que se dá o nome de “religião”: uma bela, mas absurda, consolação para os que ficam. Resultado? Devo confessá-lo: sufoco. Porquê? É o que tu nos dizes sempre: “Sufocas? És positivista”. Isto é, “não conheces verdadeiramente o real, faltam-te fatores”. Então, no hospital começou para mim um belo trabalho da razão, como o que Jesus obrigava os seus discípulos a fazer, por exemplo no barco quando se tinham esquecido dos pães. É o trabalho de uma razão afetivamente empenhada diante de um acontecimento, não uma razão sozinha, entregue aos seus pensamentos, a tentar uma análise inatingível de todos os fatores em jogo. Eis o que quer dizer “Pensar partindo de um acontecimento” (p. 83): Se me perguntassem: “Quem é que conhecestes nestes anos? O que é que entrou na tua vida? Quem é que arrebatou a tua razão e a tua afeição? Querias reduzir tudo isso a zero?”, certamente posso dizer que conheci o Mistério de Deus feito carne. Aquele que me mantém no ser neste instante entrou na história e eu conheci-O. E começo a respirar. Não, claramente, por um milagroso input sentimental, mas como percurso da razão que volta a reconhecer algo que existe! Um percurso que não seria possível sem a contemporaneidade de um rosto, o de Cristo, que é «instrumento de um trabalho não completamente perdido no puro intuir em solidão» (P. P. Pasolini). Então apercebo-me da mentira desse olhar analítico sobre o real que parece concluir que tudo acaba no nada. Na EdC, don Giussani identifica esta mentira com toda a lucidez: “A mentalidade comum, [...] para ajuizar, tende sempre a interpretar os pontos concretos no seio de um universo abstrato”. (p. 83) O universo abstrato seria o dado a que chega a razão universal: a morte, a decadência de tudo. Segundo esta mentalidade, o acontecimento particular, histórico, de Jesus, não teria capacidade para explicar um problema universal da razão, como a morte. Mas quem foi que disse? Quando entro no hospital, entra comigo este acontecimento novo que mudou a história. Entra um conhecimento novo sobre o problema que todos devem enfrentar: o sofrimento, a morte. A primeira coisa com que me surpreendo é que o acontecimento de Jesus escancara a minha razão, pelo menos em dois sentidos. Em primeiro lugar, permite-me conhecer que, antes do dado da morte, há a surpresa diante do dado do ser. Não se pode concluir que tudo é nada! Isso é uma mentira da mentalidade comum. Claro que somos uma realidade contingente, mas o homem é precisamente aquele nível da natureza em que a natureza “se experimenta como contingente”, isto é,*

*“subsistente por força de uma outra coisa, porque não se faz a si”, como aprendemos no Capítulo X de O Sentido Religioso (p. 149). Quanta companhia me fez este capítulo, verdadeira ajuda, para um trabalho sobre o instrumento do pensamento! Em segundo lugar, o acontecimento de Cristo, que me alcançou na minha história, faz-me conhecer o rosto daquele Mistério que a razão pode intuir no dado das coisas. Sem este acontecimento particular eu não teria podido conhecê-Lo. Mas eu conheci-O! O meu conhecimento deparou-se com Ele na história. E é assim que eu entro no hospital com esta novidade de conhecimento, e posso garantir-te, Julián, que nesta circunstância histórica é um conhecimento mais necessário do que nunca, porque os doentes estão sozinhos nos quartos: sem o marido ou a mulher, sem os filhos. E eu posso sussurrar ao ouvido dos doentes graves, com as palavras de don Giussani na Escola de Comunidade: “Existe uma relação com o Mistério que faz todas as coisas, existe uma relação com o Mistério feito carne, homem, Jesus, que é imensamente mais humana, mais minha, mais imediata, mais tenaz, mais terna, mais inevitável do que a relação com qualquer outro – com a mãe, com o pai, com a noiva, com a mulher, com os filhos – [parece a lista dos familiares que não podem acompanhar os doentes nos hospitais!] – com todos e com tudo” (p. 86). Eis a novidade que entrou na história através de um acontecimento particular: há uma relação com o Mistério feito carne que é mais inevitável e eterno do que a relação com a minha mãe! Ele morreu e ressuscitou, introduzindo uma luz nova sobre a morte. Um conhecimento novo. Obrigada, Julián, por me desafiáres a este nível, permitindo-me fazer um caminho humano de conhecimento do real! Certamente posso dizer que me tornei mais religioso nestas semanas, conheci melhor o mistério do real e Cristo que o sustenta.*

Este percurso que fizeste – e que é preciso retomar com calma – é uma oportunidade para cada um de nós ver o que significa, existencialmente falando, que um acontecimento particular da história representa a chave para iluminar tudo, porque tem uma pretensão universal em relação ao problema da vida. O facto de ter visto Cristo ressuscitado (um evento particular) tem a pretensão de explicar um problema universal da razão (no caso que citaste, o problema da morte, diante da qual não há escapatórias). Este evento particular – a ressurreição de Cristo, que estamos a viver neste tempo litúrgico – coloca-se como a solução de um problema como a morte. Tem uma pretensão universal, mas é um ponto particular. Porque é que é fundamental aquilo que contaste? Porque se não damos exemplos mediante os quais podemos ver que só através de uma relação particular conseguimos viver a realidade de modo verdadeiro, acabamos por reduzir tudo às nossas análises. Por isso é tão importante surpreender, como se dizia antes, que pertencer gera uma possibilidade de olhar para aquilo que todos vivem com uma intensidade e com uma densidade que os outros não conseguem ter. E não porque somos visionários, mas porque, pelo facto de pertencer a um lugar, podemos olhar para tudo de modo diferente. Por isso interessa-me que vocês descubram, nos episódios mais banais da vida, de onde nasce o conhecimento novo.

*Queria contar alguns episódios que aconteceram comigo e com a minha filha, que tem quase quatro anos.*

Bom! Gosto disto: falar da relação com a filha. Algo que aparentemente parece não ter nada a ver com o “conhecimento novo”, com a fé. Como é que a relação com a tua filha te introduziu a um olhar mais adequado sobre a realidade? Explica-nos!

*São episódios de que me lembrei logo ao ler as páginas de Escola de Comunidade que vinham para este encontro. No início da quarentena a minha filha parecia calma. Mas, há cerca de duas semanas, quase de repente, disse-me que queria voltar a fazer as coisas belas que fazia antes e pôs-se a chorar. No dia seguinte levei-a um bocadinho ao parque do nosso condomínio para brincar e perguntou-me: «mãe, a mãe é feliz?», eu respondi-lhe que sim e perguntei-lhe se ela era. Disse-me que sim, que fica feliz se eu estou e quando está comigo. Para além desta, pôs-me imensas outras perguntas e questões: por exemplo, diz-me: «eu tenho medo quando a mãe não está, e tenho medo que volte a trabalhar», (eu sou médica, estou de licença de maternidade, mas em breve voltarei a trabalhar). Quando li a parte da Escola de Comunidade sobre a moralidade, o «sim» de Pedro e a sua relação com Jesus, tive imediatamente diante dos meus olhos as conversas com a minha filha: é claro como ela está toda*

*catalisada por uma presença (a da mãe) a quem pode fazer qualquer pergunta, e na relação com a qual toda a possibilidade de mal que possa realizar-se no futuro não tem a ver; lembrei-me de quando ela me dizia: «estou feliz se estou com a mãe» ou «tenho medo se a mãe não está»». Vê-la assim nostálgica e cheia de perguntas fez descer sobre mim um véu de tristeza. Pensei no facto de todos os dias me empenhar tanto para fazermos juntas coisas bonitas, mas, no entanto, é claro que não lhe basta; ou melhor, a única coisa de que tem necessidade é de um amor, de uma presença amorosa. Foi evidente para mim como partia novamente de uma capacidade minha (o que consigo ou não consigo fazer com as crianças), dos meus limites, e não de uma relação que «toma tudo» como descrito na Escola de Comunidade, e de como sou ajudada a dar-me conta e a descobri-lo graças também a alguns amigos no nosso último encontro de Escola de Comunidade, onde contei estes últimos diálogos com ela. Obrigada pelo modo como me ajudas sempre!*

Fico impressionado com aquilo que percebes na tua filha, não a sua inteligência, mas a capacidade de conhecer que ela tem. O que é que determina a relação dela com a realidade? A tua presença, um particular. E isso dá-lhe um olhar mais adequado sobre a realidade. A tua filha, toda catalisada por uma presença – um acontecimento particular – resolve um problema universal que todos temos: a felicidade. Esta relação define o seu modo de estar na realidade. Se falta esse particular – tu –, ela é determinada pelo medo. Mas nós, mesmo estando diante de factos desta magnitude, não nos alegramos, porque não nos introduzem na realidade. De facto, logo depois, tu condenas-te porque não é capaz de tirar aquele véu de tristeza, mas o mais espetacular é ver aquilo que a tua filha te está a dizer numa passagem da Escola de Comunidade: é uma presença real, histórica, particular que te introduz à totalidade do real. Não é que a tua filha tenha feito uma análise da situação mais perspicaz do que a tua, mas percebeu melhor a realidade tendo-te diante dela. Vocês lembram-se do exemplo que dei anos atrás da criança no parque de diversões? Fica toda entusiasmada quando está na companhia dos pais e amedrontada quando se afasta deles (como a tua filha, quando está longe de ti). Então, qual é a modalidade verdadeira de viver o real? Quando a criança está com os pais ou quando, estando sozinha, fica toda determinada pelo medo? A realidade verdadeira é aquela que ela vê – e a tua filha vê – quando está acompanhada por uma presença. É o que Giussani tem diante dos olhos quando olha para tudo: uma Presença. Por isso, a questão é prestar atenção ao que acontece. Fiquei muito impressionado ao ler, numa revista feita por nossos amigos de Madrid, o artigo de um escritor espanhol, Jesús Montiel, que foi catalisado, como tu, pelo que via acontecer nos filhos. Escreve: “Os meus filhos não param de me surpreender. Durante o confinamento não expressaram nenhuma palavra de lamentação. Diferentemente de nós, os adultos. Aceitam a situação porque a verdadeira normalidade de uma criança é a sua família”. Para ele não é só uma questão de agora. De facto, já escreveu um romance descrevendo a doença do filho: “Lembro-me de uma quarentena mais longa, num hospital. O cancro do meu filho mais velho obrigou-nos a viver durante dois anos numa ala de oncologia infantil. Ele não se lamentou nem sequer naquelas circunstâncias. Tinha dois, três e quatro anos. Aquelas crianças sem cabelos mostravam uma docilidade escandalosa, não esperneavam. E aquela postura disciplinada, tão distante da murmuração dos adultos, foi, para mim, uma lição inesquecível. Agora vejo, de novo, a mesma aceitação nele e nos seus irmãos. É incrível. Uma aceitação que não é conformismo, mas verdadeira adesão”, sem introduzir no olhar nada de estranho. E precisamente como a tua filha te disse, Montiel escreve, sobre os seus filhos: “Bastanos vocês, dizem. E dizem isso sem palavras, com a linguagem dos sábios: com gestos. A vida é um retorno a essa milenar sabedoria que as crianças ostentam sem esforço, voltadas para o presente que nós negligenciamos [e, por isso, de imediato nos agitamos]. Fiquei comovido com os meus filhos nestes dias e, às vezes, choro escondido por tudo aquilo que me dão sem pedir nada em troca. São indicações de caminho para a minha alma, que às vezes vagueia desorientada. As crianças, acredito, são a prova de que não somos feitos para projetos, mas para viver amando e sendo amados. Só assim a situação contingente [os desafios] tem um sentido e o presente não se desmorona” (*The Objective*, 2 de abril de 2020).

Tendo isto presente, podemos reler este trecho da Escola de Comunidade: “A modalidade com que nasce o critério para ajuizar pode ser apontada, de forma resumida, pela palavra ‘olhar’. [...] Estar diante do acontecimento encontrado sem trocar a dada altura, a lealdade do olhar” (p. 84). E o que é que *don*

Giussani dá como exemplo para nos fazer perceber do que está a falar? “É semelhante à atitude de uma criança diante da realidade, que não inventa nada, não deixa nenhuma outra preocupação penetrar no seu olhar”. Bastaria isto como sinal para perceber se suspendemos a nossa relação com o acontecimento que encontrámos, o nosso olhar para ele: se introduzimos preocupações estranhas. Mal deixamos de ter esta posição da criança, começamos a preocupar-nos, enquanto “é a lealdade do olhar ao acontecimento que nos leva mail longe” (p. 85). Quem mais descobriu isto na relação com os próprios filhos?

*Os primeiros dias em que o Coronavírus nos obrigou a ficar em casa, era tão evidente que a coisa era maior do que eu, que não podia senão aceitar dar espaço ao que estava a acontecer. Foram dias realmente ricos. E preciosos. Aprendi a olhar para os meus filhos de outra perspectiva. Fizemo-nos muita companhia. As crianças não podiam acreditar que nos tinham só para eles, dia e noite. E sem a correria habitual dos dias normais. Aprendemos a desfrutar da nossa casa. A fazer silêncio. E a brincar juntos. Ver um bom filme e estudar. Também me impressionou muito que eles, por proposta minha e do meu marido, tenham aceitado imediatamente rezar uma dezena do Terço todas as noites para confiar este momento particular a Nossa Senhora. Entretanto, o tempo passou e eu, como muitas vezes me acontece, também me "habituei" a isto. Comecei a "pôr as coisas em ordem", como eu achava que devia ser. Aquilo que inicialmente via acontecer, agora tinha-se tornado uma coisa que eu criava, dependendo de como me sentia nesta ou naquela manhã. Deixei de dar espaço ao Mistério. E fiquei triste. Os dias tornaram-se mais pesados. Depois li a Escola de Comunidade: «"Embora vivendo na carne", quer dizer, na situação tal como ela é [...] “vivo na fé do filho de Deus”, ou seja, pertenço a um acontecimento, a uma origem que muda a forma do olhar» (p. 85). Mas porque é que, se é tão evidente, é tão difícil mudar o meu olhar? A mim escandaliza-me que o divino coincida com a consistência última do real, do homem. Eu detenho-me no meu limite. Eu não «adoro» o rosto do meu marido, muito mais vezes vejo nele as coisas que não são como eu gostaria. É possível que, para dar espaço ao Mistério e vê-Lo a operar, eu precise que aconteça continuamente um Coronavírus?*

O que é que os teus filhos te ensinam? É preciso o Coronavírus ou a presença da mãe?

*A presença.*

Não é o Coronavírus que nos faz manter este olhar, e veremos isso quando sairmos do confinamento. Como se dizia antes, só o re-acontecer do acontecimento é capaz de nos fazer manter constantemente este olhar em vez de o suspender. Como vês, a certa altura deixamos de dar espaço ao Mistério, ou seja, afastamo-nos d’Ele e, então, começamos a repreender-nos, aparece um “véu de tristeza” porque não somos nós que resolvemos o problema dos filhos (assim como o do marido ou o nosso); a única possibilidade é que nos deixemos atrair constantemente – sem deixar entrar outra preocupação – por uma presença que introduz em nós uma novidade, assim como a introduz nos filhos. Os filhos lembram-nos, como escreve o escritor espanhol, qual é a verdadeira posição. Não é um problema de moralismo, de um esforço que devemos fazer, mas de olhar. “É um *affectus*, como aquele que tinha Simão, tão pura e profundamente afeiçoado a Jesus, o que leva mais longe a capacidade de ajuizar adequadamente a realidade” (p.85).

*No 5º ponto do capítulo II do livro fiquei impressionado pelas seguintes palavras, que se encontram depois de uma parte em que se explica o que quer dizer olhar para o rosto de uma rapariga segundo a carne; diz o texto: “Embora vivendo na carne, vivo na fé”, quer dizer: encaro a relação com ela na fé do Filho de Deus, na adesão a Cristo. E então aquela rapariga é, na medida da atração, o sinal através do qual sou convidado a aderir na carne à essência das coisas, a descer à realidade das coisas, até onde as coisas são feitas» (p. 86). Estas palavras fascinam-me muito como as da mítica página 151 do capítulo X do Sentido Religioso «viver intensamente o real», de tal forma que nestes dias digo a mim mesmo: «hoje, amanhã, quero mesmo ver o que significa relacionar-me assim com a minha mulher e com os meus filhos». Trabalhando em casa, em teletrabalho, não tenho muitas outras possibilidades neste período. Então o que é que aconteceu nos meus dias iniciados com esta intenção? Na verdade, pouco, pouco se viu desta intensidade; posso dizer: dei por mim a fazer a experiência de “viver distraidamente o real”, diferente da profundidade e de tudo o resto que o livro tão bem explica!*

*Agarrado às coisas que é preciso fazer, aos email's para ler e enviar, a participar nas conference-call, os meus dias passam frequentemente de modo "superficial" e à noite dou por mim cheio de aridez e de tristeza, por vezes zangado comigo mesmo por me ter tratado "distraidamente" a mim e a todos os que encontrei. Perguntei-me e pergunto-me: «mas porquê? Porque é que este fascínio que experimento com as palavras da Escola de Comunidade não se traduzem depois num modo de viver mais "belo" e mais adequado ao meu desejo? Talvez porque não o peço verdadeiramente? Talvez porque no fundo eu me detenha um pouco antes?». Podes dar-me uma ajuda nisto?*

Que sugestão é que te dá o texto da Escola de Comunidade? O Mistério vem ao teu encontro, leva-te a "viver intensamente o real". Portanto, trata-se de aceitar a provocação da realidade através de alguém ou de alguma coisa – por exemplo, uma frase, como disseste, citando o livro: "Vivo na fé..." –, de que o Mistério se serve para bater à tua porta e tirar-te da distração. Não são os teus propósitos que te tirarão desta situação, mas seguir, como fazem as crianças, esta modalidade: deixares-te atrair por uma presença. Quanto tempo perdemos não indo atrás da modalidade com a qual *don* Giussani nos introduz no real! É a modalidade que vemos nas crianças. E é fácil! Por isso, interessa-me colocar diante de todos nós as crianças, e *don* Giussani convida-nos a reconhecer isto. Não devemos ficar irritados porque não somos capazes de vencer a aridez e a tristeza que experimentamos. Se fôssemos capazes, não precisaríamos de um Outro! Por isso é inútil lamentarmo-nos, devemos sim aprender aquilo que Jesus diz: só quem é como uma criança pode entrar no reino de Deus, pode participar da novidade que Ele introduziu no mundo (cfr. *Mt* 18,1-5). Quem é que percebeu isto?

*Vou contar brevemente as minhas últimas semanas. O nível do desafio é sempre mais alto para mim! Nestes tempos, muitas vezes pensei que gostaria de estar noutra lugar: com a minha família (entre outras coisas, alguns dias atrás nasceu o meu sobrinho), com os amigos ou simplesmente a tratar do que é meu. Uma manhã, acordei e percebi que estava na defensiva. Mas introduziu-se uma hipótese diferente.*

Este é o ponto! Podes-te levantar "na defensiva", mas a questão é se deixas entrar "uma hipótese diferente".

*Ou melhor uma pergunta sobre a realidade que me esperava para lá da porta do meu quarto: «Do que é que tens medo? Pensas que também aqui, também hoje, não pode existir qualquer coisa para ti?». Que gratidão sem fim por este olhar diferente que me é sempre oferecido como possibilidade, porque se introduziu na minha vida. Se também hoje quero viver a vida como significado, não tenho outro lugar senão as circunstâncias que me são dadas. Não foi um esforço aquele dia, não foi um aguentar até que finalmente possa fazer o que desejo, até justamente. Foi um viver livre, cheia só do desejo e da curiosidade daquilo que havia para mim. Intuo que está em jogo uma coisa muito preciosa para mim. A pior coisa que me podia acontecer seria começar a viver confirmando a minha visão das coisas e já não vendo a realidade. Eu desejo com todo o coração deixar-me desafiar pela realidade, assim como é, sem atenuar o embate. Por exemplo, são-me propostos mil telefonemas, aperitivos e jogos virtuais à distância com os amigos... Até pode ser divertido, mas prefiro não reduzir o drama da falta, da saudade e deixar-me abanar até ao fundo. A primeira graça que vejo na minha vida é a minha mudança, ou seja saber estar diante da circunstância que me é dada, e também que nascem em mim perguntas, sobretudo uma pergunta de abertura, que diz respeito não só ao dizer sim a fazer certas coisas, mas mais profunda: uma abertura a deixar-me verdadeiramente pôr-me aquela pergunta: «Amas-me? Há alguma coisa que defendes de Mim porque tens medo de que ali eu não posso vencer?» Esta abertura última parece-me a coisa mais preciosa em jogo, esta moralidade, como a chama a Escola de Comunidade. Não sabes como te estou grata pelo facto de que haja alguém que continua a manter vivo este desejo de vida verdadeira, em todo o lado e sempre, que me quer viva e aprofunda continuamente o meu olhar, continuando a fazer-me, de mil formas diferentes, mas sempre – no fundo – esta pergunta: «Amas-me? Queres estar coMigo agora, aqui, onde não te falta nada, se Eu estou?». Agradeço-te a tua grande amizade.*

Estás a ver? Ninguém garante que nos levantemos de manhã sem estar na defensiva, mas, de qualquer forma, a pessoa pode abrir-se a uma outra possibilidade e começar a olhar as circunstâncias aceitando

deixar-se tocar por aquilo que vem ao seu encontro, como nos ensina *don* Giussani. E quando não se distrai com outras coisas que pareceriam facilitar a solução, mas aceita a realidade assim como é, começa a dar-se conta de que a mudança não é tanto fazer outras coisas, mas uma abertura, uma abertura ao Tu que vem ao seu encontro naquela circunstância. «Amas-Me? Porque tens medo?». Deixar entrar este Tu, sem suspender a lealdade do olhar a Ele, torna possível o “conhecimento novo”. Sou introduzido nele aderindo a este Tu com toda a minha liberdade.

*Aqui está a experiência que fiz do conhecimento novo, como «a única possibilidade de se relacionar com a realidade sem preconceitos, segundo a totalidade dos seus fatores» (Ponto 5, p. 84), possível apenas a partir da «contemporaneidade com o acontecimento que o gera» (p. 83). Recentemente, tive dificuldades no trabalho e não conseguia recuperar, sentia-me definida por isso. Fui reler a tua carta de Natal, no Corriere della Sera, porque lembrava-me de ter ficado impressionada com esta frase: «Por que não te olhas como eu te olho, como eu olho para a tua humanidade? Não percebes que me tornei criança apenas para te mostrar toda a preferência que eu tenho por ti?» (24 de dezembro, 2019). Isto abriu uma brecha. Aos poucos, comecei a respirar novamente, isto foi uma primeira mudança de olhar que já me tirou do nada. Mas não acabou aí, porque nos dias seguintes, li a Escola de Comunidade, que diz na página 85: «Vivendo na carne, participo num Acontecimento que me torna capaz de uma inteligência nova, mais profunda e mais verdadeira do que as minhas circunstâncias». Enfrentando as circunstâncias na fé do Filho de Deus, na adesão a Cristo, «sou convidado a aderir na carne à essência das coisas, a descer à realidade das coisas, até onde as coisas são feitas» (p. 86).*

*Isto fez-me perceber que tinha parado na reação e não tinha mergulhado na carne das coisas. Quando, na realidade, desço «à realidade das coisas, até onde as coisas são feitas» (p. 86) "a pessoa que tenho à minha frente, quem quer que seja, é e marca o caminho através do qual chego a Cristo, ao Tu de que cada coisa é feita e, portanto, tenho estima, respeito, adoro, posso adorar o seu rosto" (p. 86). Isto foi como que uma revolução copernicana, porque de repente tornou-se claro para mim que a relação com as pessoas, mesmo com aquelas com quem tinha aquela dificuldade, poderia ser uma oportunidade em vez de um impedimento, uma possibilidade desejável para mim e para elas. Para além disso, percebi também uma coisa sobre mim: que apenas dentro do abraço de um Tu que me ama e que me quer, posso aceitar os meus limites sem problemas, livre, sem me sentir definida por eles. Concluo dizendo que o facto da Escola de Comunidade, às vezes tão difícil, me ter falado no confronto com as circunstâncias foi um Acontecimento: a Escola iluminou a realidade, que iluminou a Escola! Estou muito contente, porque às vezes invejava as pessoas que intervêm nesta Escola de Comunidade, porque a mim não me acontecia como a elas. Em vez disso, aconteceu também a mim nesta pequena circunstância; talvez seja preciso ter apenas a humildade de olhar, a lealdade de olhar o acontecimento.*

É precisamente assim. «Isso fez-me perceber que tinha parado na reação», ou seja, que tinha ficado só na aparência sem descer até o profundo das coisas. É a isto que *don* Giussani nos quer educar: não a procurar um caminho alternativo, dualista em relação à realidade, mas a viver intensamente o real para alcançar com o olhar a profundidade das coisas, e dentro dessa profundidade reconhecer o Tu que as faz. “Embora vivendo na carne, [...] vivo pela fé no Filho de Deus”, ou seja, pertencço a um Acontecimento, a uma origem que muda a forma do olhar: a forma do olhar passa a ser a fé” (p. 85). A fé é este olhar até o fundo do real tornado possível pela Sua Presença, senão o dualismo prevalece. Pelo contrário, desse modo, qualquer circunstância ou “a pessoa que tenho à minha frente, quem quer que ela seja, [...] assinala o caminho seguindo o qual chego até Cristo, ao Tu de que cada coisa é feita, e por isso tenho estima por essa, respeito, [...] posso adorar o seu rosto. (pp. 85-86). Essa é uma “revolução copernicana”, como dizes. É sobre isso que devemos decidir, amigos: aceitar essa revolução copernicana que *don* Giussani introduz na relação com a realidade para vencer o dualismo ou multiplicar a vida de iniciativas que não deixam moça. Esta é a nossa contribuição para o mundo, o nosso “sim” a Ele.

*Depois de uma noite de videoconferência com alguns amigos, surgiu-me uma pergunta: «O meu olhar que se abre e a minha adesão, o meu sim, pode verdadeiramente servir ao mundo»? Naquela noite*

*falamos precisamente sobre a situação que somos obrigados a viver, fizemos análises económicas deste período, análises sobre as informações, as comunicações, “fase um” e “fase dois”; parece-me impossível que meu sim possa contribuir de alguma forma para o mundo. Como pode o meu sim, obrigada a estar em casa fazendo as coisas de sempre simples e banais, quotidianas, ser útil para o mundo? Dizia-me a mim mesma: «Pode servir para mim, e já é muito, mas ao mundo?». Parecia-me memo impossível. Como se aquilo que escreveste na carta à Fraternidade – “Neste momento [...] o reconhecimento de Cristo e o nosso “sim” a Ele, até no isolamento em que cada um de nós pode ser obrigado a estar, é já o contributo para a salvação de todos os homens hoje” (Milão, 12 de março de 2020) – no fundo, no fundo, não fosse possível. Depois, aconteceu-me um facto, e gostaria de perceber se estou no caminho certo. Esta manhã levantei-me e encontrei em cima da cómoda o pequeno almoço preparado pela minha filha. O gesto dela tornou claro que sou objecto de um bem infinito e, para mim, preparar o almoço hoje tinha dentro um desejo de bem para todos os que estariam à mesa. Disse a mim mesma: «Se algum destes sete que vão almoçar nesta mesa virem este bem, poderão levá-lo para onde estão. E, assim, sucessivamente, como uma cascata, se Deus quiser». Depois, retomando o texto da Escola de Comunidade, li o ponto onde don Gius diz: «o bem não é “bem”, mas a adesão a Ele; é seguir aquele rosto, a sua Presença, é levar a sua Presença a todo o lado” (p.99). Então, a dúvida diabólica que se tinha insinuado naquela noite como que vislumbrou um caminho para se desfazer. Gostaria de saber o que tu pensas disto. Obrigada.*

Perfeito! Estás a ver? Tu já tens a resposta para a pergunta que fizeste: a dúvida “desfez-se”. Porque se desfaz? Porque a pessoa reconhece que a modalidade com a qual responde, o seu “sim”, se torna um bem para todos. Vimos isso hoje, em muitos episódios que foram contados: quando uma mãe percebe o bem que é para a sua filha, e vice-versa, quando outra mãe está no hospital para dar à luz e as enfermeiras dizem que é diferente entrar no seu quarto. Cada uma das coisas que vocês contaram esta noite demonstra qual é o nosso contributo para o mundo. Porquê? Porque nós recebemos a graça – vimos isto na Escola de Comunidade – exatamente para isto, esta é a nossa tarefa: «Os apóstolos e seus sucessores entram, com Cristo, no fluxo de seu Espírito e participam na própria missão de Jesus. Introduzir a humanidade na relação definitiva com o mistério de Deus é sua função fundamental: é a tarefa para que foram escolhidos. E, com os bispos e os sacerdotes, todos os cristãos são chamados a fazer parte desta escolha e da responsabilidade desta função» (p. 71). Introduzir a humanidade na relação definitiva com o Mistério, porque o bem é a adesão a Ele. Esta é a nossa função fundamental, nós que recebemos a graça de ter sido escolhidos pelo Mistério: ser testemunhas daquilo que é para todos. Na medida em que vivemos a unidade do eu sem dualismos, desde o encontro até ao Tu, e experimentamos um olhar totalmente unitário, tornamo-nos mais conscientes de que a fé “floresce no limite extremo da dinâmica racional, como uma flor de graça, à qual o homem adere com sua liberdade” (p. 41). A fé, de facto, gera um eu totalmente unido que, por sua vez, suscita à sua volta unidade, ou seja, comunidade. Só na medida em que seguimos a proposta que don Giussani nos fez, podemos vê-lo acontecer em nós e nos outros.

Escola de Comunidade. Neste período estou a prepara um texto para continuar o trabalho sobre o tema que tínhamos escolhido para os Exercícios Espirituais que não pudemos realizar este ano: “O que é que nos arranca do nada?”.

A Introdução já está pronta, e escrevi-a a partir dos contributos sobre a experiência que vocês viveram diante dos desafios impostos por este tempo de Coronavírus.

Para a próxima Escola de Comunidade, portanto, proponho que comecem a trabalhar sobre a Introdução – estará disponível no site de CL a partir de segunda-feira, 11 de maio –, continuando a ter presentes os dois primeiros capítulos do livro da Escola de Comunidade sobre que trabalhámos nestes meses e sobre os quais ainda estamos a trabalhar. Como também vimos nesta noite, eles são cruciais porque estão na origem da “revolução copernicana” da qual falava a nossa amiga, afetam, de facto, a nossa forma de conhecer, de estar na realidade, e são uma ajuda para perceber bem a relação que há entre o “conhecimento novo” que o acontecimento cristão introduz na nossa vida e as circunstâncias. A

capacidade nova de olhar e de afeição descrita nestes dois capítulos é a única modalidade verdadeira de viver o presente e deveria ser a consciência com a qual atravessar todas as circunstâncias da realidade. «Para que a mentalidade seja verdadeiramente nova é preciso que da consciência do seu ‘pertencer’ ela esteja continuamente empenhada na confrontação com os acontecimentos presentes. Nascer de um lugar presente, ela julga o presente, ou então não existe: se não tem que ver com a experiência presente, o conhecimento novo não existe, é uma abstração. Nesse sentido, não fazer juízos sobre acontecimentos é mortificar a fé» (p. 84). Se o conhecimento novo não está continuamente empenhado com os acontecimentos presentes, não penetra na vida, não é capaz de ser nem compreendido, nem assumido, e, sobretudo, como diz o capítulo, a fé é mortificada porque não escancara a razão.

Por isso, quer do ponto de vista do método quer do conteúdo, tenhamos presente neste mês tanto a Introdução do novo texto quanto o trabalho desenvolvido até agora sobre o *Gerar rasto na história do mundo*, de modo que a nossa verificação não seja uma reflexão abstrata, mas consista em intercetar em nós este conhecimento e afeição novos, como fizemos hoje, que nos permitem viver as circunstâncias da realidade de modo novo, como uma verdadeira “criatura nova”. Aliás, os desafios que estamos a viver não deixam espaço para nos afastarmos desta urgência, como também veremos na Introdução que mencionei.

A próxima Escola de Comunidade terá lugar quarta-feira, 17 de junho, às 21h00, na modalidade que comunicaremos com base nas indicações de saúde pública para o próximo mês.

O livro do mês de maio é *O despertar do humano. Reflexões de um tempo vertiginoso*.

Este livro nasceu de uma circunstância particular: os responsáveis editoriais da BUR e da Rizzoli, a quem foram enviados a minha carta à Fraternidade e o artigo publicado no *Corriere della Sera*, acharam que seus conteúdos eram úteis para todos e, assim, fizeram-me a proposta de aprofundá-los. O resultado foi este e-book. Para mim, foi uma ocasião de reflexão sobre aquilo que todos estamos a viver, colocando à disposição de todos a riqueza que vivemos.

Atualmente o livro está disponível no formato e-book por 2,49 Euro para o mês de maio, e por 3,99 Euro de junho em diante. O editor informou que a versão física do livro estará disponível a partir de 12 de junho, pelo valor de 8,00 Euro. (*versão italiana*)

Fundo Comum. Na Escola de Comunidade de abril lembrei a necessidade, nesta situação que se apresenta muito difícil do ponto de vista económico, de uma grande seriedade no compromisso com o Fundo Comum para fazer frente às necessidades que estão a surgir entre nós. Estou muito comovido pela forma como tantos acolheram este aviso aderindo ao critério de juízo expresso pelo Movimento, segundo a posição educativa original que *don* Giussani nos ensinou.

Passos/Tracce de maio está disponível online, e é grátis para todos. Nestes dois meses foi a única possibilidade, além da assinatura, para poder receber a revista e utilizá-la com os amigos e colegas. Sobre isso, permito-me dar-vos a conhecer a problemática das assinaturas: normalmente alguns milhares de assinaturas são feitas nos Exercícios Espirituais, mas este ano não houve tal possibilidade. Espero que levem a sério a possibilidade de fazer a assinatura uma vez que – como sabem – a assinatura da *Passos* representa a modalidade para sustentar a atividade de comunicação, incluindo a página da Web.

Difusão da documentação do Movimento e de don Giussani. Lembro que o Movimento coloca à disposição no site, ou através dos seus instrumentos oficiais, toda a documentação útil para o nosso caminho. Peço-vos, por isso, que não favoreçam a difusão de outros documentos e materiais que podem estar alterados ou não verificados nas suas fontes, porque cria muita confusão num tempo em que através da Internet e das redes sociais tudo pode ser facilmente passado por verdade.

Férias de verão. Muita gente está a pedir indicações sobre as férias de verão da comunidade, um gesto que o nosso caminho educativo sempre propôs todos os anos e ao qual somos todos muito ligados. Penso que para julgar também este aspeto da nossa proposta nestes tempos extraordinários é preciso que cada

um olhe para a experiência vivida nestes dois meses. Alguém o chamou de “tempo suspenso”, como eu disse no início, mas a experiência que vi em muitos de nós foi tudo menos isso! Foi um tempo pleno, denso de significado, de descobertas, embora num contexto de vida completamente diferente de antes, com muitas restrições, que não foi decidido por nós. Então, se olharmos para a experiência que fizemos, talvez dali venha a melhor sugestão também para olhar para as férias de verão: não somos chamados a viver “suspensos”, nem a inventar qualquer coisa para preencher um vazio, mas a viver também esta circunstância de modo imprevisivelmente diferente, como vimos esta noite. Que ganho podemos obter obedecendo às circunstâncias inevitáveis, como são estas, que não fomos nós que decidimos, deixando-nos mudar! Levando em conta a situação sanitária ainda em curso, as disposições a este respeito até aqui emanadas pelo Governo e, também, as implicações legais, a circunstância atual está a dizer-nos que não é possível propor o gesto das férias comunitárias. Naturalmente, nada impede que grupos limitados de pessoas e famílias, sob sua inteira responsabilidade, decidam organizar períodos de férias e convivência respeitando as normas vigentes. Porém, com o Centro do Movimento, avaliamos que Comunhão e Libertação enquanto tal, tanto a nível central como local, não será promotor de quaisquer férias comunitárias. Tenho a certeza de que, depois, poderemos contar uns aos outros o ganho que tivemos com a obediência às circunstâncias e com a criatividade que daí nascerá.

Meeting de Rimini “Special Edition”. O Meeting 2020 – com o título “Privados de maravilha, ficamos surdos ao sublime” – acontecerá de 18 a 23 de agosto, em Rimini. Encontros, exposições e espetáculos serão realizados sobretudo na modalidade digital no Palacongressi, de Rimini. Se as prescrições em vigor em agosto permitirem, será possível a participação física de um número limitado de pessoas. Dada esta situação especial, a participação dos voluntários é reservada a pessoas, em grande parte adultos, com competências específicas, que serão pessoalmente contactadas pelos responsáveis do Meeting. Outros voluntários que colaboraram com as últimas edições serão contactados para colaborar na divulgação do Meeting.

Divulgação de avisos do Movimento. Como já foi dito na última vez, foi criada uma nova plataforma web e o App “Avvisi CL” para a divulgação dos avisos centrais do Movimento. Convido-os calorosamente a fazerem o download desta App, pois é a única modalidade com a qual serão divulgados os avisos nacionais.

*Veni Sancte Spiritus*

Boa noite a todos!